

Criar em ruínas, imaginar futuros¹

Memória e fabulação em caminhadas pela Cidade Alta, em Natal (RN)

Create in ruins, imagine futures

Memory and fable on walks through Cidade Alta, in Natal (RN)

Júlia de Freitas Motta²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, RN, Brasil.

juliafmotta@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2232-7939>

Recebido em: 30 de junho de 2024

Aceito em: 30 de julho de 2024

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN), Brasil.

Resumo

Este artigo é o primeiro de uma série em desenvolvimento de fotografar e caminhar pelo Centro de Natal. Com a mudança para a capital do Rio Grande do Norte há pouco mais de um ano, comecei a registrar a parte central da cidade para um projeto pessoal. Poder criar um acervo de memórias da experiência de descobrir os becos e ruelas de um novo local. Entre espaços que resguardam a memória e a cultura potiguar, há prédios e casas vazias e abandonadas. Percorrer diferentes caminhos e permitir perder-me por meio das cicatrizes do passado e a possibilidade de inventar outros futuros viabilizou a experiência de nova morada. Entre palavras e fotografias é possível fabular caminhos. Perder-se nas encruzilhadas e ruínas, redesenhar fronteiras e inventar um novo mapa. Para tal, dialogo com Francesco Careri e o projeto Stalkers, tanto para refletir sobre o caminhar como na importância de parar. Parto de Anna Tsing para pensar sobre paisagens e ruínas. Recorro à Jacques Rancière na partilha do sensível e à Walidah Imarisha para fabular outros mundos possíveis.

Palavras-chave: caminhar; ruínas; fabulação; fotografia; antropologia audiovisual.

Abstract

This article is the first in an ongoing series of photographing and walking around the Center of Natal. With the move to the capital of Rio Grande do Norte just over a year ago, I started recording the central part of the city for a personal project. Being able to create a collection of memories from the experience of discovering the alleys and streets of a new place. Among spaces that protect the memory and culture of Rio Grande do Norte, there are empty and abandoned buildings and houses. Traveling different paths and allowing myself to get lost through the scars of the past and the possibility of inventing other futures made the experience of a new home possible. Between words and photographs it is possible to create paths. Get lost in crossroads and ruins, redraw borders and invent a new map. To this end, I speak with Francesco Careri and the Stalkers project, both to reflect on walking and the importance of stopping. I start from Anna Tsing to think about landscapes and ruins. I turn to Jacques Rancière to share the sensible and to Walidah Imarisha to fable other possible worlds.

Keywords: to walk; ruins; fable; photography; audiovisual anthropology.

Paisagem migrante

Este artigo é um desdobramento de um trabalho realizado para a disciplina de Patrimônio ofertada no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na proposta, foram entregues dois artigos: um para ler e outro para ver. Ambos com o mesmo objetivo de ser um convite para caminhar pela Cidade Alta de Natal, no Rio Grande do Norte. No presente trabalho, as imagens conduzem a narrativa. Em dois dias de caminhada, foram feitas mais de 200 fotos que compõe um acervo em construção. Moro há pouco mais de um ano em Natal, e me propus a conhecer melhor a cidade caminhando pelo Centro da capital potiguar. A Cidade Alta é a primeira parada.

O desenho do que podemos ver/ler neste artigo começou pela seleção e edição do material audiovisual. Entre palavras e fotografias, é possível fabular caminhos. Perder-se nas encruzilhadas e ruínas, redesenhar fronteiras e inventar um novo mapa. Ao longo do texto, dialogo com Francesco Careri e o projeto Stalkers, tanto para refletir sobre o caminhar como na importância de parar. Parto de Anna Tsing para pensar sobre paisagens e ruínas. Recorro à Jacques Rancière na partilha do sensível e à Walidah Imarisha para fabular outros mundos possíveis.

Todo dia Natal muda. Os ventos que cortam a cidade modificam a paisagem. As areias das dunas caminham, preenchem vazios e ocupam novos lugares. Deixam-se memórias, espalham-se por outros cantos e apontam um futuro a chegar. Novas fronteiras são desenhadas. Paisagem mutante. Paisagem movente. Paisagem migrante. O Centro Histórico da capital potiguar, hoje, também se transforma. Novos cenários vão sendo criados, entre ruínas, terrenos baldios, comércios fechados, casas vazias para alugar ou vender. Mas há também aqueles que resistem. E renascem.

Uma stalker na Cidade Alta

É terça-feira, dia 6 de fevereiro de 2024, por volta das 9h da manhã, vou sair de Capim Macio, na Zona Sul de Natal, em direção à Cidade Alta. O local é o primeiro núcleo de povoamento e primeiro bairro da capital do Rio Grande do Norte, fundado em 1599 pelos portugueses. Localizado na região leste, faz fronteira com o Rio Potengi e os bairros da Ribeira, Alecrim, Petrópolis, Tirol e Bairro Vermelho. É o endereço dos prédios públicos do município, como a sede do poder executivo de Natal³.

³ Fonte: Conheça melhor seu bairro - Cidade Alta. Prefeitura Municipal de Natal, 2012.

Olho no Google Maps qual ônibus pegar e a informação não é nada animadora: serão quase duas horas de deslocamento em mais de um ônibus. A mobilidade em Natal é um problema que afeta muitas pessoas, especialmente as que moram na Zona Norte. O tempo é curto e decido ir de Uber, embora o custo financeiro seja alto.

Coloco a direção do bar da Meladinha, no Beco da Lama. É o local que mais conheço na região. Levo 33 minutos até lá. O sol tá de rachar. Entro no Beco e a visão de dia é muito diferente do fervor dos sambas de quinta-feira. Há pouca gente, o cheiro de suor, caipirinha e churrasquinho da noite é substituído pelo feijão anunciando que logo mais alguns daqueles espaços vão abrir para almoço.



Figura 1: Transeuntes caminham na Avenida Rio Branco, na Cidade Alta. Foto de Júlia Motta

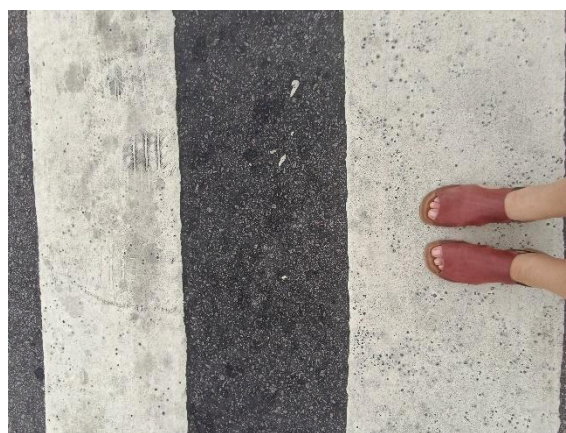


Figura 2: Eu como *stalker* pelo Centro de Natal. Foto de Júlia Motta

O arquiteto italiano Francesco Careri desenvolve o projeto *Stalkers* há alguns anos. A proposta é caminhar pelas cidades, mas não apenas para ver e, sim, para criar paisagens. Uma ação que se torna intervenção urbana, uma forma de arte. Ao perder-se entre as amnésias urbanas “o Stalker encontrou aqueles espaços que o dadá definira *banais* e aqueles lugares que os surrealistas definiram como o *inconsciente da cidade*” (Careri, 2013, p. 30). É nesses resíduos que se fabula os espaços vazios. Reinventa-se mapas, desloca-se linhas para uma nova geografia imaginada a partir do praticado e do vivido. É a errância como caminho. O percurso como o lugar do simbólico.

O que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas. Assim, o caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela sua intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no aqui

e agora das transformações, compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põe em crise o projeto contemporâneo (Careri, 2013, p. 32).

Como uma *stalker*, sigo para a Avenida Rio Branco. Há uma mistura de lojas abertas comunicando que o Carnaval se aproxima com venda de fantasias; e portas fechadas com placas de aluga-se, indicando uma crise econômica na região. Vendedores com microfones à mão chamam fregueses que andam pela calçada por entre vendas de frutas, objetos das lojas à mostra e pontos de ônibus. Chego ao número 705: Sebo Vermelho. O local é um ponto de encontro cultural desde 1985. Vende livros novos e usados e, a partir de 1990, tornou-se também um selo editorial. O editor e proprietário é Abimael Silva, que já publicou mais de 500 títulos de autores do Rio Grande do Norte.



Figura 3: Primeira parada é no Sebo Vermelho, fundado em 1985. Foto de Júlia Motta

Assim que entro no sebo vejo Abimael sentado ocupado ao telefone. O espaço tem livros do chão ao teto nas duas paredes laterais e em estantes no meio do sebo. O acervo conta com aproximadamente 30 mil livros, dos quais, pelo menos um terço, são de autores norte riograndense. Como, por exemplo, “Os americanos em Natal”, do historiador Lenine Pinto; “O carteiro de Cascudinho”, escrito por José Helmut Cândido,

que foi carteiro de Câmara Cascudo; e “Cartas de Drummond a Zila Mamede” organizado por Graça Aquino, que reúne mais de 60 cartas que Drummond enviou para a poeta Zila.

Passo um tempo olhando os livros, procuro pelo diário de viagem de Nísia Floresta que, infelizmente, não tem. Abro alguns e, em um deles, há uma dedicatória. São esses tesouros que só sebos proporcionam de se encontrar. “Ao professor Walderson, com os meus cumprimentos. Natal, 31/10/78. Zélia Lustosa”. Fico um tempo folheando o livro. Quando Zélia o presenteou, o Brasil ainda estava em plena ditadura civil-militar. Me perco em pensamentos tentando imaginar: Quem poderia ser ela? Como era viver em Natal durante esse período? E estar na universidade? Os livros resistem. Os que não foram jogados na fogueira revelam as histórias que tentaram apagar.

Ruínas da memória

Saio do sebo e atravesso a avenida Rio Branco. Me perco por entre becos e vielas. Há um recorte social, de classe e raça na região. Na Cidade Alta, concentra-se uma população de baixa renda e negra. Em torno de 42% da população vive com meio até dois salários-mínimos. Tem mais de 70% de sua moradia ainda formada por casas⁴. É possível ver uma população morando nas ruas. Barracas de camping misturadas a barracos de papelão estão embaixo de elevados.

Um trilho do bonde corta ruas, numa encruzilhada de memórias. Para onde será que o bonde levava essa gente? Que caminhos percorria? Quantas histórias testemunharam? E nesse cruzamento de espaço e tempo, brotam pelos trilhos plantas gerando uma nova paisagem. É vida renascendo do trilho abandonado? O educador Luiz Rufino observa que é na encruzilhada que se dá o saber praticado nas margens. É nos cruzos que as rasuras e ressignificações conceituais acontecem.

A encruzilhada aponta para múltiplos caminhos, afinal, a noção de caminho assentada no signo Exu se compreende enquanto possibilidade, e não como certeza. Dessa forma, a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos, é logo uma perspectiva pluriversalista (Ramos, 2008). Em sua potência, diferentemente do que é praticado pela lógica ocidental, um caminho não se torna credível em detrimento de outros. A encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber (Rufino, 2018, p. 78).

⁴ Fonte: Conheça melhor seu bairro - Cidade Alta. Prefeitura Municipal de Natal, 2012.



Figuras 4, 5 e 6: Encruzilhadas da Cidade Alta e o trilho do bonde que corta parte do bairro. Fotos de Júlia Motta

Caminho e encontro casas abandonadas, terrenos baldios, ruínas. Fachadas que se tornam fronteiras entre o que se vê hoje, o passado que existiu e um futuro a se criar. Plantas tomam os espaços. As ruínas contam vidas. Quantas camadas de cal escondem as histórias criadas ali? Será que um casal apaixonado viveu loucuras nesse lugar? Uma mulher sozinha precisou inventar mundos em meio a luta diária? Nasceu uma criança por entre essas paredes que já não existem mais? Pulsa vida pela rachadura ao mesmo tempo que ervas-daninhas comem lembranças.

Das encruzilhadas de Rufino, encontro as ruínas e os cruzamentos de florestas do Japão e Estados Unidos analisadas por Anna Tsing. A autora destaca como o efeito das ruínas nos seres vivos depende de qual lado se propõe a observar. Ela destaca que, se a perspectiva for a de alguns insetos e parasitas, as florestas industriais arruinadas se revelam prósperas. Já para outras, a escassez na e da floresta – antes mesmo de tonar-se ruína – é terrível e pode ser ameaçadora. E é nessa interseção que se possibilita a construção dos mundos do matsutake. O cogumelo japonês não cresce nas plantações

arruinadas do Japão, “ele cresce por causa de sua ruína, que acabou por salvar outras florestas de conversão” (Tsing, 2022, p. 311).

As florestas de matsutake no Oregon e no Japão central estão unidas por sua dependência comum da produção de ruínas de florestas industriais. As florestas afetadas não são apenas as que desaparecem, como aquelas do Sudoeste Asiático, mas também as florestas que conseguem ficar em pé. Se todas as nossas florestas são atingidas por esses ventos da destruição, quer os capitalistas os desejem ou não, nós nos encontramos diante do desafio de viver nessa ruína, por mais horrível ou impossível que possa parecer. [...] Para escrever uma história da ruína, precisamos seguir os fragmentos quebrados de muitas histórias e mover-nos para dentro e para fora de seus muitos retalhos e manchas (Tsing, 2022, p. 312).



Figura 7: Ruínas que permitem recriar mundos e reinventar vidas. Foto de Júlia Motta

As ruínas do Centro Histórico de Natal estão por toda parte e reconfiguram a paisagem local. Possibilitam diferentes usos dos espaços. Percorro novos lugares. Ao caminhar pela Rua Santo Antônio, me atento ao número 704: um casario amarelo, ao lado de um vermelho cor de sangue. O portão aberto me convida a entrar. Na placa está escrito Ateliê Carlos Sérgio Borges. Toco o pequeno sino junto à entrada, anunciando minha chegada. É o próprio Carlos Sérgio quem me recebe. O piso prende minha atenção. Quantos pés passaram por esses ladrilhos hidráulicos? Pergunto se são originais e o artista plástico responde que sim. Apenas alguns precisou substituir durante a reforma que fez no local, há cinco anos.

Redesenhar fronteiras

O parar é parte do caminhar, como aponta Careri (2017). A exploração e permanência nos lugares é tentativa de construir possíveis estradas. Nessa parada, me demoro um pouco. Descubro que a casa amarela é a memória de infância de Carlos Sérgio. É ela que o artista via pela janela do quarto ou quando colhia as flores da sapoti no quintal. A casa vizinha, a vermelha cor de sangue, foi onde cresceu. Aos 15 anos, já vendia artesanato na Igreja do Galo – oficialmente Igreja de Santo Antônio, construída em 1766 –, que fica na esquina.

Carlos Sérgio cria fantasias de carnaval. Também pinta, borda, cola e costura caboclinhos, galantes do boi, reisada. A cultura popular está por todo seu trabalho. A sapoti do quintal de Carlos Sérgio guarda segredos de sua juventude. Na outra esquina da rua, duas árvores também testemunham as mudanças do tempo e do espaço. Unidas por suas folhagens, lembram da importância de ninguém soltar a mão de ninguém. A caminhada permite a transformação dos ditos não lugares ou vazios urbanos em meios-lugares.

“Os limites espaciais se mostram menos rígidos. Entre interior e exterior, entre dentro e fora, entre privado e público, entre aqui e lá. Novamente o espaço do “entre”. Entre dois. Estar “entre” não quer dizer ser uma coisa ou outra, quer dizer ser temporariamente uma coisa e outra. Estar no meio de [*en train de*]... Em transformação. É não somente estar no meio ou em um meio, mas ser o próprio meio. [...] Os terrenos baldios [*terrain vague*] são sempre no meio, eles são suspensão, em um estado provisório, intermediário, inacabado”. Trailogue: lieu/mi-lieu/non-lieu (o triálogo foi realizado em Clermont-Ferrand, em 6 de dezembro de 1996 (Careri, 2013, p. 10).

Vou almoçar no Bar do Zé Reeira, outro local que se mantém na Cidade Alta. Quando saio, sigo a caminhada e passo em frente ao número 87 da Rua João Pessoa. Das caixas de som na porta é possível ouvir Jovelina Pérola Negra cantando Maria

Tristeza. Os versos entoam “Maria cantava, Maria chorava, Maria sorria / Trocando a sua tristeza / Por uns momentos de alegria / Esqueceu de tudo / Se entregou ao Carnaval / Foram apenas três para sua alegria chegar ao final”. Faltam poucos dias para a folia chegar e a música me chama. Entro na loja Discol e Julia – a atendente com o nome homônimo ao meu – avisa: pode colocar o disco que quiser para tocar. Mas Maria Tristeza me fazia companhia naquele momento e deixei que Jovelina seguisse preenchendo aquele espaço e se expandindo pela calçada.

Na loja, os discos de vinil estão preservados. São separados por estilos musicais: samba, MPB, rock, dance, entre outros. Tem um pouco de tudo: de Santa Esmeralda a Olodum, passando por 14 Bis, Lulu Santos e Alcione. A Discol resiste na Cidade Alta. Entre ruínas, placas de aluga-se e vende-se, a loja segue desde 1975 no bairro. Na descrição do Instagram da Discol, diz que a loja de discos é a mais antiga de Natal.



Figura 8: Fachada da loja Discol na Rua João Pessoa. Foto de Júlia Motta

A decoração não esconde o tema: há vinis presos no teto da loja e um globo espelhado girando no meio do espaço. Além dos discos, vende-se CDs, DVDs, fitas K7, camisetas e acessórios, como bottons e imãs de geladeira que reproduzem capas clássicas de discos. É como atravessar um túnel do tempo. Por alguns instantes, o sol forte não castiga mais minha cabeça e me perco por entre aqueles versos. Jovelina para de cantar e Julia coloca o disco Movimento do Olodum, de 1993. Sai Maria Tristeza e

entra “Olodum tá hippie, Olodum tá pop / Olodum tá reggae, Olodum tá rock / O Olodum pirou de vez.” Sigo para a Estação do Cordel, destino que estava buscando.

Chego em frente ao número 62 da mesma rua – a João Pessoa – e a Estação do Cordel está fechada. O local fica em frente à Praça Padre João Maria. A praça com nome de padre é o abre alas para a encruzilhada que nos revela o Cine França. Sagrado e profano no corpo encantado das ruas (Simas, 2023). Os cinemas de rua desapareceram. Multiplicaram-se as lojas de departamento. Mas na Rua Voluntários da Pátria 632 o Cine França segue, a poucos passos da sede da prefeitura. E essa é a filial. O primeiro está na Rua Vigário Bartolomeu 566. Gemidos são ruídos constantes e o cheiro de gozo está pelo ar do local, que exhibe clássicos do pornô. A pegação come solta. É o que imagino embaixo de um sol estonteante, vindo de fora a fachada com uma placa que anuncia a combinação de vídeo bar e cuja logo é a Torre Eiffel, *mon amour*.

Sigo caminhando. Passo pelo Memorial Câmara Cascudo. Entro rapidamente, mas não tem muito o que ver, pois o espaço vai fechar para reforma. Um menino – jovem, negro – atravessa a rua visivelmente alterado. O funcionário sugere que eu o aguarde passar. O jovem nem me nota, está cantando e rindo alto, falando coisas desconectas. Turistas um pouco mais à frente parecem se assustar. Recorro a Careri (2013) novamente:

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo do infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebido como inimigos potenciais (Careri, 2013, p. 170).

Porém, aquele menino não representa o medo. Ele é vítima de muitas camadas de negligências e violências, que dariam um outro ensaio. Mas, sem dúvida, tal como destaca Careri, as escolhas que fiz para a caminhada passam pelo medo. Opto por andar a luz do dia e não entrar em determinadas zonas por estar sozinha. Isso perpassa por outras violências, principalmente, as de gênero que nós mulheres enfrentamos todos os dias.

Vou até a Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte, que funciona no mesmo prédio do Palácio da Cultura. Já estou bastante cansada. Faz horas que caminho e o calor não tem sido um aliado. Ao entrar no local, fico um tempo parada vendo a água cair do ar-condicionado, molhando todo o chão. São duas salas. Do lado direito, há

uma exposição de artistas mulheres potiguaras. Na outra, o caju é o tema das obras. Não me demoro muito no local.

Ando mais um pouco e me deparo com a Associação Cultural Casa do Cordel, na Rua Vigário Bartolomeu 605. Sou recebida pelo cordelista Abaeté, que me apresenta o espaço e uma das primeiras obras é a Coleção de Mulheres Potiguaras, com 10 cordéis sobre mulheres que marcaram a história do Rio Grande do Norte. No terceiro livreto, leio a história da indígena Clara Camarão. Em um dos trechos diz que:

Em 1648
Houve a primeira batalha
Com Clara Camarão
Não teve nenhuma falha
Clara com Felipe lutou
Ela e o marido expulsou
Os holandeses canalhas
(Cordel, 1998).

A morada do cordel e da cultura popular, como se definem, foi fundada em 17 de agosto de 2007 para divulgar o trabalho de mais de 300 cordelistas. Xilogravuras preenchem o espaço, acompanhando a métrica dos cordéis e o som das rimas que representam lutas e contam histórias. A visita à Casa do Cordel foi o último ponto que entrei. Entre caminhar e parar, a escolha foi por espaços de memória.

O fenômeno da memória é resistente à descrição mais direta e incide em processos metafóricos. As imagens desempenham o papel de figuras de pensamento, modelos que demarcam os campos conceituais e orientam teorias. Por essa razão é que os “conjuntos de metáforas” nesse campo não são uma linguagem que parafraseia, mas uma linguagem que primeiro desvela o objeto e o constitui. A questão das imagens da memória torna-se, assim, ao mesmo tempo, uma questão sobre os diferentes modelos de memória, seus respectivos contextos históricos, necessidades culturais e padrões interpretativos (Assmann, 2011).

Os prédios que visitei são como símbolos da memória potiguar. Guardam em si poemas, cordéis, pinturas, esculturas, livros, música que representam a identidade local. Assmann observa que memória e recordação são fenômenos que, por princípio, carregam em si uma dimensão temporal. Sobreposições e deslocamentos. “A memória surge como habilidade virtual e substrato orgânico, ao lado da recordação como procedimento presente e imediato de fixação e evocação de conteúdos específicos. A memória é o armazenador de onde a recordação se serve, seleciona, atualiza” (Assmann, 2011).

O mapa do Google é a representação dos lugares por onde passei, dos espaços que são possíveis identificar. O aplicativo sugere que o trajeto que fiz, passando pelos

10 pontos destacados, pode ser percorrido em 24 minutos a pé. Nesse primeiro dia, foram cinco horas traçando um percurso, entre caminhar, parar, observar e imaginar. “Com o termo ‘percurso’ indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado [o percurso como estrutura narrativa]” (Careri, 2013, p. 31). A poesia geográfica deixou de fora as fronteiras das ruínas, as memórias dos becos e a vida a partir das encruzilhadas.

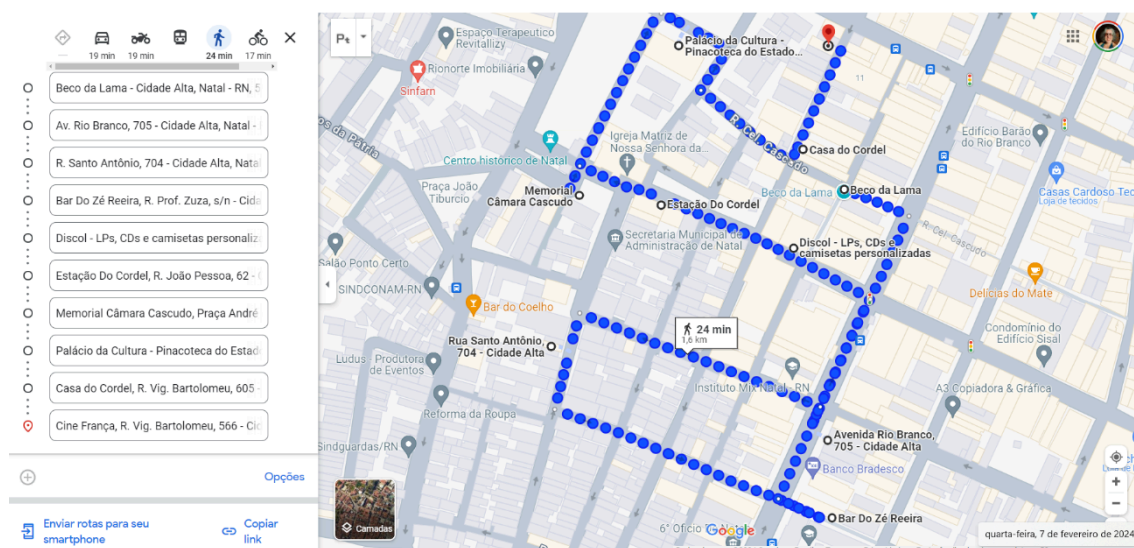


Figura 9: Reprodução do mapa do Google com o trajeto percorrido no primeiro dia.

Fabular caminhos

O segundo dia de caminhada foi dedicado para estar nas ruas do Centro o tempo todo, sem entrar nos espaços de memória. Caminhar e perder-se por entre as vielas. Nesse recorrido, meus passos encontram os de Leonardo. O menino potiguar de 7 anos – “Oito vou fazer no dia 24 de agosto!” – ficou curioso comigo ali, caminhando e tirando fotos, e quis somar. Sugeriu a ele, então, que me guiasse. E assim fomos atravessando a Cidade Alta pelos olhos do menino. Magnus Alexandre, o Marechal, pai dele, acompanhou a gente, mas andando um pouco atrás, só nos observando.

Navegar, caminhar, perder-se carregam consigo o tema do encontro com o Outro, levam a ser estrangeiro e a encontrar outros estrangeiros - é este que me parece ser hoje - o aspecto mais atual da errância. [...] A deriva já não é uma peregrinação solitária ou coletiva em busca de territórios inexplorados, mas também é um dispositivo de interação para habitar territórios já habitados, ser hóspede e receber hospitalidade (Careri, 2017, p. 33).

Leonardo anda, pula e pede para tirar fotos dele interagindo com os espaços, especialmente com a rua. Fala, dança, pergunta. É curioso o menino. Nesse caminhar, ele partilha o seu modo de ver e estar no mundo. Tomo parte de um recorte do tempo e do espaço, do visível e do invisível, da palavra e do ruído. Ele partilha o sensível comigo, tal como aponta Rancière. “Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda uma partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte dessa partilha (Rancière, 2009, p. 15).



Figuras 10, 11 e 12: Leonardo brincando durante a caminhada. Fotos de Júlia Motta.

Por entre áreas esquecidas, lugares difíceis de serem compreendidos e que não tem localização precisa no mapa, Leonardo preenche os espaços de significados. Vamos caminhando e permito o medo de errar, de tropeçar, me torno disponível. Leonardo me mostra casas abandonadas e conta que o boneco Chuck mora em uma delas. “Você já encontrou com ele?”, pergunto. Cabreiro, o menino responde que não, que tem medo de

entrar, mas que sabe que ele está lá no meio dos entulhos da casa abandonada. E, assim, vai-se reescrevendo o futuro, descolonizando-se a imaginação, tal como observa Walidah Imarischa. “Precisamos da ficção científica: ela nos permite imaginar possibilidades fora do que existe hoje. O único modo de desafiar o direito divino dos reis é se tornando capaz de imaginar um mundo no qual reis já não nos comandem – ou sequer existam” (Imarischa, 2023, p. 4).

Eu propus o termo “ficção visionária” (visionary fiction) para abranger os modos de criação entre gêneros literários fantásticos que nos ajudam a elaborar esses novos mundos. Esse termo nos lembra de sermos completamente irrealistas em nossas organizações, porque é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo. Quando liberamos nossas imaginações, questionamos tudo. Reconhecemos que nada disto é fixo, que é tudo poeira estelar, e que nós temos a força para moldá-lo do modo que o fizemos. Para parafrasear Arundhati Roy: outros mundos não apenas são possíveis, mas estão vindo – e já podemos ouvi-los respirar. É por isso que a descolonização da imaginação é o mais perigoso e subversivo de todos os processos de descolonização (Imarischa, 2023, p. 4).

Andamos mais um pouco e Leonardo vai lendo os piches nos muros. Me conta que vai começar o segundo ano e que está muito ansioso para a volta às aulas. Falamos com cachorros, paramos para observar pássaros em gaiolas. Leonardo entra para saber se ainda tem peixe no aquário. “Só um”, responde o rapaz. Me leva por diferentes praças: “Essa é da macumba”, comenta, e logo é repreendido pelo pai. Passamos pela porta da igreja e ele me convida a entrar. “Parece um caixão ali” e aponta de longe para o altar.

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares (Careri, 2013, p. 51).

“E se eu andar nessas pedras?”; “E nesse monte de areia?”; “Pode ficar legal para as fotos. Faz uma só dos meus pés, enquanto tô sentado aqui no banco”. E assim, Leonardo me dirige e revela seus mundos. Cria novos trajetos, redesenha mapas e inventa novas fronteiras.

Considerações finais

A proposta de caminhar pelo Centro de Natal documentando a memória e fabulando futuros foi a forma que encontrei de me adaptar à cidade. Sou uma baiana de

Salvador que cresceu no Rio de Janeiro. A mudança para a capital potiguar foi pelo doutorado na UFRN. Poder descobrir a cidade e construir meu próprio acervo de registros de um tempo de transformação pessoal tem permitido dar espaço à imaginação. Conectar-me a outros olhares, como a do menino Leonardo, abre espaço para ver a cidade de outros ângulos e descobrir tesouros em meio à ruínas.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. “Ruínas e invocações do espírito”, in: Espaços da recordação: formas e transformações da memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CARERI, Francisco. Caminhar e parar. São Paulo: Editora G, Gili, 2017.

CARERI, Francisco. Walkcapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G, Gili, 2013.

CORDEL, Abaeté do. Coleção 10 Mulheres Potigüares. Clara Camarão. Natal: Casa do Cordel, 2018.

IMARISCHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando a ficção científica para rever justiça. Fundação Bienal, 32º Bienal de São Paulo, 2021. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut, acesso em 04 de setembro de 2023.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e arte. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2009.

RUFINO, L. Pedagogias das Encruzilhadas. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 71 - 88, Jan./Jun. 2018. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>

TSING, Anna L. “Ruína”, in: O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.